

colaboradores da revista desde o primeiro número, em 1950, e de ter mesmo, por muito tempo, integrado sua Comissão de Redação. O trágico desaparecimento de Simões de Paula em acidente de trânsito, em novembro de 1977, deixou-nos temerosos quanto à sorte da revista. Mais dois números (111 e 112) foram publicados, pois já haviam sido preparados pelo seu diretor, embora este não chegasse a vê-los. Depois, uma “cortina de silêncio” caiu sobre a importante publicação.

Soube-se que, por disposição da família, a revista deveria ser entregue ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, ao qual o saudoso professor esteve sempre vinculado. Mas, nada mais se falou sobre o assunto durante sete anos. Eis que, agora, sete anos depois, reaparece a **Revista de História**, de fato editada pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo e conservando o mesmo formato e idêntica apresentação. Conteúdo em nada desmerecedor dos volumes anteriores, só se deseja que tenha prosseguimento, levando avante a grande iniciativa de Eurípedes Simões de Paula.

Apenas duas falhas, do ponto de vista bibliográfico: o novo número aparece como 114 e não 113, como deveria ser. A explicação para o “salto” não convence: a matéria que deveria constar do número 113 já fora publicada no volume “em memória” do professor Simões de Paula, editado no ano passado; ocorre, entretanto, que nesse volume não há nenhuma referência à circunstância de poder ser ele considerado o número 113 da “Revista”. E a explicação conclui, melancólica e absurda: “Por isso não haverá o nº 113 da **Revista de História**”. Errado. muito errado. Segunda falha: se a **Revista** se apresenta como “nova série”, deveria começar numeração nova e não continuar a que vinha sendo publicada.

Entretanto, tais lapsos, que poderiam perfeitamente ter sido evitados para que ela se apresentasse bibliograficamente mais correta, em nada diminuem o valor do empreendimento que há de encher de júbilo historiadores e professores de História que não poderão ficar indiferentes ao ressurgimento da importante publicação. Na seção “Registro Bibliográfico” do presente número os leitores encontraram o sumário da matéria pública em o nº 114 da **Revista de História**.

*

FALECIMENTO DE PAUL ARBOUSSE BASTIDE

Quando da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, na missão de professores franceses contratados pelo governo do Estado para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, veio um Bastide — Paul Arrousse Bastide — professor de Sociologia e de Ciência Política. Três

anos mais tarde, numa nova missão de professores franceses, veio outro Bastide — Roger Bastide — também professor de Sociologia, e sem nenhum parentesco com o outro. Como este fosse baixinho e aquele bem alto, os estudantes não tiveram dúvida: apelidaram-nos de “Bastidão” e “Bastidinho” Roger Bastide (o “Bastidinho”:) viveu quase vinte anos entre nós, tornando-se, talvez, a maior autoridade estrangeira em temas de cultura brasileira. Além da imensa obra que deixou, formou significativa escola de sociólogos que hoje pontificam entre os vanguardeiros dessa área de estudos. Faleceu em 1974.

Agora, vem de falecer o “Bastidão”. Paul Arbousse Bastide permaneceu menos tempo entre nós, mas prestou assinalados serviços ao Brasil, como uma espécie de “adido cultural” de nosso País em França. Raro o professor ou estudante brasileiro de passagem por Paris que o não procurasse. Voltou algumas vezes ao Brasil, a última das quais no ano passado para as comemorações do cinquentenário da Universidade que ele ajudou a fundar.

Arbousse Bastide esteve em Campinas provavelmente mais de uma vez, mas de uma me lembro particularmente, pois tive o privilégio de acompanhá-lo. Veio a convite do Seminário Presbiteriano, a fim de proferir conferência na entidade, então localizada nos altos da rua Doutor Quirino. Diga-se de passagem que Arbousse Bastide era de uma tradicional família calvinista, sendo, se não me engano, filho de pastor e ele próprio formado também em teologia. O tema de sua conferência foi **A desvalorização do homem no mundo contemporâneo** e, conservo, ainda, em minha biblioteca o folheto em que ela foi publicada, editado por uma antiga associação de estudantes evangélicos, em tradução do saudoso Lívio Teixeira e prefácio de Jorge Goulart, não o cantor, mas um grande pastor presbiteriano, na época professor do tradicional Seminário de Campinas. Tive oportunidade de reler, há pouco, sua conferência, ainda hoje, cinquenta anos transcorridos, valiosa pelos conceitos, todos de suma atualidade.

Mais afeito a falar que a escrever, Arbousse Bastide não deixou obra volumosa. Todavia, a notícia de seu falecimento registra a publicação, já no ocaso de sua existência, de dois livros, um sobre o positivismo e outro sobre a educação na obra de Augusto Comte. Eis um nome que a cultura brasileira não poderá esquecer. É com profundo sentimento que aqui o evoco. Odilon Nogueira de Matos.

*

*

*